



INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM AUTISMO NA ESCOLA: UMA REVISÃO NARRATIVA

INCLUSION OF CHILDREN WITH AUTISTIC IN SCHOOL: A NARRATIVE REVIEW

INCLUSIÓN DE NIÑOS CON AUTISMO EN LA ESCUELA: UNA REVISIÓN NARRATIVA

Marcus Vinícius de Alencar Bezerra¹, Mirella Costa Gomes da Silva², Nathalia Castelo Branco Vieira Miranda de Carvalho³, Joilson Ramos-Jesus⁴, Juarez Lobo Bessa⁵

e3122196

<https://doi.org/10.47820/recima21.v3i12.2196>

PUBLICADO: 12/2022

RESUMO

Desde 2013, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é entendido como o transtorno que engloba o conjunto de outras condições como a Síndrome de Asperger, o Transtorno Autista, o Transtorno Desintegrativo da Infância (Síndrome de Heller), o Transtorno de Rett e o Autismo Atípico. Sabendo da necessidade de integração e dos desafios escolares, o presente estudo buscou mostrar a importância da inserção de crianças autistas em classes cotidianas da rede regular de ensino, demonstrando, também, como possivelmente essa inserção pode ser feita através do contato de crianças com e sem o transtorno, evidenciando os benefícios de troca de experiências e de cooperação entre si. Por isso, também são brevemente revisados os aspectos de tipos e graus autistas, uma vez que é sabidamente desafiador para quaisquer indivíduos envolvidos durante esse processo: a dificuldade de interação social, de contato visual e, muitas vezes, o isolamento social por parte do autista, acrescido de comportamentos estereotipados, preconceituosos e práticas de *bullying* dos colegas de classe, que refletem em um prisma de complexidade que pode resultar em medo e recusa por parte dos pais ao cogitarem educação dos seus filhos em âmbito escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Transtorno Autístico. Transtorno do Espectro Autista. Instituições Acadêmicas.

ABSTRACT

Since 2013, the Autism Spectrum Disorder (ASD) is understood as the disorder that embraces the set of other conditions such as Asperger Syndrome, Autistic Disorder, Childhood Disintegrative Disorder (Heller's Syndrome), Rett's Disorder and Atypical Autism. Knowing the need for integration and the school challenges, the present study shows the importance of inserting autistic children in everyday classes of the regular school network, demonstrating how this insertion might possibly be done, through the contact of children with and without the disorder, highlighting the benefits of exchanging experiences and cooperating with each other. Therefore, aspects of autistic types and degrees are also briefly reviewed since it is known to be challenging for any individuals involved during this process: the difficulty of social interaction, eye contact and often social isolation on the part of the autistic plus stereotyped behaviors, prejudiced and bullying practices of classmates reflect in a prism of complexity that can result in fear and refusal on the part of parents when considering education of their children in the school environment.

KEYWORDS: Autistic Disorder. Autism Spectrum Disorder. Schools.

RESUMEN

Desde 2013, el Trastorno del Espectro Autista (TEA) se ha entendido como el trastorno que abarca el conjunto de otras afecciones como el Síndrome de Asperger, el Trastorno Autista, el Trastorno Desintegrativo Infantil (Síndrome de Heller), el Trastorno de Rett y el Autismo Atípico. Conociendo la necesidad de integración y los desafíos escolares, el presente estudio buscó mostrar la importancia de la inserción de niños autistas en las clases cotidianas de la red escolar regular, demostrando también cómo posiblemente esta inserción puede hacerse a través del contacto de niños con y sin el trastorno,

¹ Instituto de Educação Superior do Vale do Parnaíba - IESVAP

² Acadêmica de Medicina, 7º período - Instituto de Educação Superior do Vale do Parnaíba - IESVAP

³ Acadêmica de Medicina, 7º período - Instituto de Educação Superior do Vale do Parnaíba - IESVAP

⁴ Instituto de Educação Superior do Vale do Parnaíba - IESVAP

⁵ Instituto de Educação Superior do Vale do Parnaíba - IESVAP



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM AUTISMO NA ESCOLA: UMA REVISÃO NARRATIVA
Marcus Vinicius de Alencar Bezerra, Mirella Costa Gomes da Silva,
Nathalia Castelo Branco Vieira Miranda de Carvalho, Joilson Ramos-Jesus, Juarez Lobo Bessa

evidenciando los beneficios del intercambio de experiencias y la cooperación entre sí. Por lo tanto, los aspectos de los tipos y grados autistas también se revisan brevemente, ya que se sabe que es un desafío para cualquier individuo involucrado durante este proceso: la dificultad de la interacción social, el contacto visual y, a menudo, el aislamiento social de las personas autistas, además de los comportamientos estereotipados y prejuiciosos y las prácticas de intimidación de los compañeros de clase. que se reflejan en un prisma de complejidad que puede resultar en miedo y rechazo por parte de los padres cuando consideran la educación de sus hijos en la escuela.

PALABRAS CLAVE: Trastorno autista. Trastorno del espectro autista. Instituciones académicas.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é entendido como um atraso no desenvolvimento neuropsicomotor do indivíduo e, segundo a definição atual vigente na Classificação Internacional de Doenças - CID 10, engloba a Síndrome de Asperger, o Transtorno Autista, o Transtorno Desintegrativo da Infância (Síndrome de Heller), o Transtorno de Rett e o Autismo Atípico. Da mesma forma, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), na sua 5ª edição, bem como na Classificação Internacional de Doenças (CID 10), classificam esses transtornos como integrantes dos Transtornos do Espectro Autista.

Por isso, além da importância para o diagnóstico e para desmistificar estereótipos preconceituosos, conhecer e entender a sintomatologia do espectro autista é fundamental para evitar situações incômodas, tanto para a criança portadora quanto para seus cuidadores. Assim, alguns dos sintomas mais prevalentes são: pensamentos ou comportamentos restritivos e repetitivos e que podem causar sofrimento, dificuldade em manter contato visual, falta de compreensão nas expressões faciais e corporais, atraso no desenvolvimento da fala e no sorriso social, e *déficits* na comunicação e interação social.

Para Aporta (2018), o conhecimento acerca do transtorno é impreterível para a inserção efetiva das crianças com autismo no contexto socioeducacional, uma vez que para elas é mais difícil pensar, imaginar, diferenciar e associar espaços, além de lembrar o passado ou perceber o tempo passar, o que torna necessário ações adaptativas preventivas e que todo o espaço escolar seja reorganizado com sinalização e de modo previsível e reconhecível com mensagens verbais e gestuais, imagens ou objetos (como cartazes informativos), para promover suas capacitações cognitivas e aprimorar suas limitações, além da presença de profissionais da área para auxiliar e participar nas soluções e dinâmicas alternativas. Para que essa prática inclusiva se torne possível, além do Atendimento Educacional Especializado, outras ações, como a ludoterapia, têm sua importância.

De acordo com Buemo *et al.*, (2019), a socialização, de fato, é o conjunto de comportamentos aprendidos durante as interações sociais com outros indivíduos, logo, a convivência e a interação entre crianças com autismo e crianças sem o transtorno trará benefícios de troca e de cooperação. De cedo, as crianças devem aprender a respeitar as diferenças, e incluir crianças autistas em classes comuns na rede regular de ensino irá contribuir para a ruptura de estereótipos negativos e de preconceitos e para a construção de sua subjetividade, desenvolvimento escolar, e, concomitantemente, contribuirá para evitar o isolamento da criança autista.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM AUTISMO NA ESCOLA: UMA REVISÃO NARRATIVA
Marcus Vinicius de Alencar Bezerra, Mirella Costa Gomes da Silva,
Nathalia Castelo Branco Vieira Miranda de Carvalho, Jolison Ramos-Jesus, Juarez Lobo Bessa

Pinto *et al.*, (2016), sugerem que o diagnóstico do autismo é um momento complexo, delicado e desafiador para a família e também para os profissionais. Com efeito, é um momento difícil para a família, especialmente porque na maioria dos casos há recusa em acreditar no diagnóstico, por haver preconceito quanto à criança autista. Isso pode acontecer porque crianças com o Transtorno do Espectro Autista sofrem mais dificuldades em expressar, compreender e interpretar emoções do que a maioria dos indivíduos sem o espectro.

Perante as dificuldades dos educadores em trabalhar com os alunos com autismo, é importante verificar as estratégias utilizadas pelos mesmos para minimizar as situações desafiadoras e tornar a prática pedagógica mais eficaz (CAMARGO *et al.*, 2020).

Assim, a instituição de ensino deve se comprometer a oferecer um ensino de qualidade, buscando melhorias tanto em sua estrutura física quanto no modo de ensino-aprendizagem. Isto faz com que a escola tome consciência de que necessita adaptar o ambiente escolar, como também adequar o currículo e trazer alternativas metodológicas diferenciadas de acordo com a necessidade de cada aluno. Nesse sentido, o corpo docente deve procurar capacitação para auxiliar na sua gestão e, assim, estar preparado para receber crianças e jovens previstos pela legislação da educação especial. Por isso, os professores, ao realizarem sua capacitação, estão oferecendo aos alunos com necessidades especiais, em especial o aluno com TEA, um ensino-aprendizagem de qualidade (AMBRÓS, 2017).

Este estudo tem como objetivo revisar o material bibliográfico existente sobre os distúrbios neurológicos associados ao autismo a fim de contribuir para um maior entendimento dessa temática. Trata-se de um estudo de revisão de literatura do tipo narrativa em que a busca por artigos foi realizada nas bases de dados: PubMed, Google Acadêmico, LILACS e Scielo.

1.1 ASPECTOS GERAIS E EPIDEMIOLOGIA DO AUTISMO

Descrito pela primeira vez em 1949, pelo psiquiatra austríaco Léo Kanner, que no primeiro momento relacionou os sintomas a fenômenos esquizofrênicos e reformulou a sua definição: o autismo infantil foi considerado como um transtorno que incluía grande dificuldade no contato com as pessoas, um desejo obsessivo de preservar as coisas e as situações, uma ligação especial aos objetos e a presença de uma fisionomia inteligente, além das alterações de linguagem que se estendiam do mutismo a uma linguagem sem função de comunicação (LIMA; LAPLANE, 2016).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado pelo *déficit* no desenvolvimento neuropsicomotor do indivíduo, o que envolve pensamentos e comportamentos atípicos, repetitivos e restritivos, dificuldade em manter contato visual, sorrir, conversar e interagir, sendo, o indivíduo, acometido nas esferas social, afetiva e educacional.

Um achado interessante, envolvendo tanto as amostras clínicas quanto as epidemiológicas, foi o de que há uma maior incidência do autismo em meninos do que em meninas, com proporções médias relatadas de cerca de 3,5 a 4,0 meninos para cada menina (KLIN, 2016).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM AUTISMO NA ESCOLA: UMA REVISÃO NARRATIVA
 Marcus Vinicius de Alencar Bezerra, Mirella Costa Gomes da Silva,
 Nathalia Castelo Branco Vieira Miranda de Carvalho, Jilson Ramos-Jesus, Juarez Lobo Bessa

Oliveira e Sertié (2017) corroboram com a ideia de que as possíveis etiologias do TEA ainda são inconclusivas, mas acredita-se que há associação com múltiplas alterações no cérebro. Quadros infecciosos ou uso de medicamentos durante a gravidez podem estar relacionados à origem do autismo. Apesar disso, estimativas demonstram que 50 a 90% dos casos sejam herdados.

Rodrigues (2019) afirma que cerca de 30% dos indivíduos acometidos pelo espectro autista possuem altos níveis periféricos de serotonina e apresentam episódios de convulsão e diversas alterações no exame eletroencefalográfico.

1.2 TIPOS DE AUTISMO

Pelo fato de existirem diversos tipos e graus do Transtorno do Espectro Autista, é previsível que existam variações de sintomas ou que eles se diferenciem ao longo da vida. Dessa forma, os sinais mais frequentes refletem a presença de atitudes repetitivas, restritivas e atípicas como mãos e pés inquietos, repetição de sons, uso de palavras fora de contexto, organização incomum de objetos, dificuldade em participar de atividades em grupo e em interpretar expressões faciais e gestos, além de *déficits* na fala e na gesticulação.

Para Lima e Laplane (2016), a equipe multidisciplinar é sempre indicada, porque cada profissional terá a oportunidade de trabalhar em conjunto em áreas de dificuldades específicas, estando geralmente áreas profissionais de pedagogia, psicologia, fonoaudiologia, terapia ocupacional, musicoterapia e arte.

O DSM-V (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição), define o autismo em 5 tipos, dentre os quais a forma mais leve é representada pela Síndrome de Asperger ou "autismo de alto funcionamento". O Transtorno Autista ou Autismo Infantil reproduz o autista clássico, diagnosticado antes dos 3 anos, a criança possui sintomas mais graves, com linguagem e cognição atrasados de forma mais intensa, falta de contato visual e comportamentos repetitivos mais presentes.

O tipo menos comum, porém, o mais grave do espectro autista, é o Transtorno Desintegrativo da Infância (Síndrome de Heller). A criança possui desenvolvimento normal entre 2 e 4 anos (até antes dos 10), até o início da perda das competências intelectual, linguística e, conseqüentemente, social. E antes do quadro, a criança pode se tornar irritada, ansiosa e hiperativa.

Na Síndrome ou Transtorno de Rett, visto apenas em meninas, surgem convulsões, além de múltiplos *déficits* após o funcionamento normal nos primeiros meses de vida. Tem severa deficiência mental e psicomotora. O quinto critério diagnóstico envolve os Transtornos Globais Não Especificados do Desenvolvimento, que, assim como o Autismo Atípico, não satisfazem os critérios para classificação de Transtorno Autista, apesar de também englobar o comprometimento grave e global da interação social com comportamentos estereotipados.

Tendo em vista que o desempenho escolar das crianças com autismo depende muito do grau de comprometimento, as crianças com nível mais grave podem ser dependentes de ajuda, ao mesmo passo que crianças com nível leve conseguem acompanhar os conteúdos debatidos em aula. Portanto, é necessário que os profissionais da educação saibam o diagnóstico médico, bem como seja feito o



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM AUTISMO NA ESCOLA: UMA REVISÃO NARRATIVA
Marcus Vinicius de Alencar Bezerra, Mirella Costa Gomes da Silva,
Nathalia Castelo Branco Vieira Miranda de Carvalho, Joilson Ramos-Jesus, Juarez Lobo Bessa

registro das características de cada aluno, para a realização do planejamento direcionado às especificidades do ensino-aprendizagem.

Ainda de acordo com o DSM-V, além dos tipos de autismo também existem os níveis de gravidade. No nível 1 - “exigindo apoio”, a criança manifesta respostas atípicas e apresenta falta de interesse em iniciar relações sociais e dificuldade em trocar atividades e de organização. No nível 2 - “exigindo apoio substancial”, os déficits em interagir e em comunicar-se (verbal e não verbal), além dos comportamentos repetitivos, são um pouco mais acentuados e as mudanças geram sofrimento. Já no nível 3 - “exigindo apoio muito substancial”, os comprometimentos anteriores são mais graves e a mudança de foco causa grande sofrimento.

1.3 INCLUSÃO DA CRIANÇA COM AUTISMO NA ESCOLA

A Sociedade Brasileira de Pediatria (2019) afirma que a inclusão de crianças com autismo na escola tem origem na infância, mas não é uniforme no seu início, pois algumas crianças apresentam os sintomas logo após o nascimento enquanto em outras só é possível identificar algum sinal autístico entre 1 e 2 anos de idade. O diagnóstico do autismo torna-se um momento complexo, desafiador e suscetível para a família e também para os profissionais em âmbito escolar. Por conseguinte, crianças com o Transtorno do Espectro Autista dentro desta concepção mental, sofrem dificuldades em expressar emoções, compreender as emoções dos outros e em ter empatia. Em sequência, interferindo na comunicação e interação, inerente ao cotidiano familiar e social.

Para Buemo *et al.*, (2019) a maioria dos autistas apresentam comportamentos repetitivos ou agressivos, portanto, o apoio da unidade familiar torna-se fundamental para a inclusão do indivíduo autista em outros grupos sociais. A respeito dos desafios da inserção do autista na educação, quando traçadas as dificuldades sobre os processos de inclusão, um dos elementos é a melhoria de propostas na capacitação docente. É importante salientar que esses docentes se sentem desmotivados e despreparados para enfrentar o desafio, restringindo a aprendizagem dos alunos. Outro ponto é a aceitação da turma, além da orientação e participação da família.

Segundo Soares (2016), a inclusão escolar não implica apenas em garantir um espaço na escola, mas também em proporcionar um ensino de boa qualidade e de forma acessível ao aluno autista. Portanto, a inclusão ainda continua sendo um desafio tanto para a sociedade quanto para as instituições, em consequência do despreparo dos docentes em ambiente escolar em relação às crianças com TEA.

Engatada à sintomatologia autística, o preconceito e o bullying nos ambientes escolares estão envolvidos nas dificuldades existentes no processo de escolarização. Concomitantemente, poucos são os alunos que recebem cuidado contínuo e multidisciplinar com profissional de apoio ao professor, educador especializado no âmbito da sala de aula ou profissional capacitado em educação para crianças com necessidades especiais, além da falta de estrutura das escolas - adaptações escassas nos ambientes e material inadequado. Alternativas metodológicas e dinâmicas são necessárias para



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM AUTISMO NA ESCOLA: UMA REVISÃO NARRATIVA
Marcus Vinicius de Alencar Bezerra, Mirella Costa Gomes da Silva,
Nathalia Castelo Branco Vieira Miranda de Carvalho, Jilson Ramos-Jesus, Juarez Lobo Bessa

esmerar o desenvolvimento das capacitações cognitivas e incentivar a participação da criança autista, dentre elas: as brincadeiras, atividades em grupo e ludoterapia.

Ingressar na escola tradicional não é tarefa fácil, devido às especificidades que apresentam as crianças com autismo (dificuldades na comunicação, na interação social e problemas no desenvolvimento de forma geral). Para a escola também não é, além de que devem buscar as regularizações necessárias ao cumprimento do direito da criança diante das necessidades jurídicas e das necessidades em termos de formação profissional, há a questão da convivência com os colegas que precisa ser trabalhada de forma esclarecedora, para que episódios de exclusão possam ser evitados (DIAS, 2019).

O comportamento, uma das áreas que possui desenvolvimento atípico em indivíduos com autismo, foi citado por 14 professoras como uma grande dificuldade no trabalho e na inclusão de crianças com TEA. Dentro do aspecto comportamental, a maior dificuldade apontada foi o manejo de comportamentos atrelados à recusa em fazer atividades e/ou seguir rotinas e regras. Dez professoras relataram ter dificuldade com o aluno em fazer determinadas atividades e/ou seguir a rotina e regras na escola e em sala de aula, o que gera comportamentos desafiadores (CAMARGO *et al.*, 2020).

Na Educação Infantil, o autismo exige do profissional uma atuação baseada na compreensão do que precisa e pode ser trabalhado em sala, na observação do comportamento (tanto da criança com autismo quanto das outras crianças ao se relacionarem com ele) e na criatividade para propor atividades que integrem as crianças, reforce atitudes positivas e possibilitem o desenvolvimento (DIAS, 2019).

Se na avaliação de uma criança observa-se que ela necessita aprender uma série de comportamentos acadêmicos desejados, mas ela ainda não emite o comportamento de se sentar, deve-se primeiro treiná-la para que adquira este comportamento (sentar). É muito provável que nas primeiras tentativas de ensinar a criança a sentar seja necessário que ela receba ajuda física de outra pessoa. Logo imediatamente após o sentar, o aplicador do programa deve dar algum tipo de reforço, ou seja, liberar um estímulo que aumentará a frequência deste comportamento. Este procedimento é repetido várias vezes até o comportamento ser adquirido e emitido independente da ajuda física (BORBA; BARROS, 2018).

Pereira (2014) em estudo recente, realizado com uma criança com autismo, estudante de Educação Infantil, e sua professora, na rede privada de ensino de Natal-RN, implementou um Plano de Estudos Individualizados (PEI) como instrumento favorecedor da inclusão acadêmica da criança e obteve resultado expressivo na flexibilização curricular do programa de ensino da sala de aula. O trabalho também destaca o ensino colaborativo e consultoria colaborativa. A autora fez uso de delineamento quase experimental intra-sujeito do tipo A-B (linha de base e tratamento), assim como procedimentos qualitativos de análise (SOARES, 2016).

Por meio do incentivo ao brincar em suas variadas formas, a Educação Infantil possibilita não só o desenvolvimento social, como também o físico, motor e o cognitivo de maneira global, ou seja, cria condições mesmo sem ter (ou ser) o objetivo, para que as crianças alcancem com maiores



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM AUTISMO NA ESCOLA: UMA REVISÃO NARRATIVA
Marcus Vinicius de Alencar Bezerra, Mirella Costa Gomes da Silva,
Nathalia Castelo Branco Vieira Miranda de Carvalho, Jolison Ramos-Jesus, Juarez Lobo Bessa

habilidades o que é estabelecido no trabalho, auxiliando no processo de escolarização dela (DIAS, 2019).

É relevante esse olhar diferenciado e ajustamento no modo de ensinar. Deve-se verificar a necessidade de um modelo de ensino que vai além da presença no âmbito escolar, encontrando um caminho para a participação e a aprendizagem efetiva do aluno com autismo (AMBRÓS, 2017).

A análise das trajetórias escolares de alunos com autismo indica que há uma grande evasão escolar, principalmente quando esses se encontram nas séries finais do ensino fundamental do ensino municipal. Parte dessa evasão pode ser explicada pela mudança da rede municipal para estadual, que não oferece apoio educacional para alunos com autismo. Além disso, os gestores referem que os pais apresentam insegurança nas mudanças de etapas escolares de seus filhos (LIMA; LAPLANE, 2016).

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) disponibiliza não só o ensino das linguagens e códigos de comunicação e sinalização como também oferece a tecnologia assistiva - TA, adequando materiais didáticos e pedagógicos, considerando as necessidades de cada aluno. Segundo a legislação, é atribuição do AEE identificar as necessidades específicas de cada criança e elaborar um plano de ação eficiente. Tais ações estão previstas na legislação, bem como a formação do professor do AEE, regulamentada de acordo com o decreto N.6571/2008, que dispõe sobre o atendimento e as condições de acesso da criança no ensino comum. A criança diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista tem, assegurada por Lei, o seu direito à educação no ensino regular, no entanto, a qualidade do profissional e das instituições tem sido fator de grande preocupação (DIAS, 2019).

Apesar das garantias expressadas em leis, documentos e diretrizes, a participação de alunos com autismo no ambiente escolar ainda é problemática e se encontra distante das metas inclusivas. Os alunos têm acesso a serviços de educação, mas a sua permanência no sistema de ensino é incerta (LIMA; LAPLANE, 2016).

A instituição de ensino deve se comprometer a oferecer um ensino de qualidade, buscando melhorias tanto em sua estrutura física quanto no modo de ensino-aprendizagem. Isto faz com que a escola tome consciência que necessita adaptar o ambiente escolar, tanto como adequar o currículo e também trazer alternativas metodológicas diferenciadas de acordo com a necessidade de cada aluno. Além disso, é indispensável expor que o aluno com Transtorno do Espectro Autista necessita de um ensino em que possa aprender e, ao mesmo tempo, colaborar com os seus pares (AMBRÓS, 2017).

Por fim, para a prática inclusiva satisfatória é preciso romper as barreiras existentes e aqui citadas. Conhecer e entender o autismo de modo holístico é primordial, sendo ainda necessários mais empenho da equipe de profissionais responsáveis e capacitação dos profissionais do corpo docente ou das áreas de saúde envolvidas, engatado ao apoio da unidade familiar da criança portadora do Transtorno do Espectro Autista.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM AUTISMO NA ESCOLA: UMA REVISÃO NARRATIVA
Marcus Vinicius de Alencar Bezerra, Mirella Costa Gomes da Silva,
Nathalia Castelo Branco Vieira Miranda de Carvalho, Joilson Ramos-Jesus, Juarez Lobo Bessa

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância da inserção de crianças autistas em classes comuns da rede regular de ensino é de grande relevância. Por isso, é necessário que exista inclusão socioeducacional efetiva que possa contornar os desafios envolvidos.

Incluir crianças com autismo em classes comuns na rede regular de ensino é sinônimo de fator potencializador do processo de socialização e aprendizagem dessas crianças portadoras do espectro autista: a convivência entre crianças com e sem o transtorno traz benefícios de troca e de cooperação, além de pulverizar o respeito às diferenças, desmistificar estereótipos negativos e preconceitos enraizados na sociedade e promover a igualdade do ensino. Destarte, é robustecida a construção da subjetividade da criança autista, ao passo que, o isolamento desta é abrandado. Apesar disso, a prática inclusiva esbarra em múltiplos empecilhos.

REFERÊNCIAS

AMBRÓS, Danieli Martins; OLIVEIRA, Glaucimara Pires. O aluno com Transtorno do Espectro Autista na Sala de Aula: caracterização, legislação e inclusão. *In: 1º Seminário Luso-Brasileiro de Educação Inclusiva: O Ensino E A Aprendizagem Em Discussão*, v. 1, p. 209-220, 2017. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/anais/i-seminario-luso-brasileiro-de-educacao-inclusiva/assets/artigos/eixo-3/completo-3.pdf>. Acesso em: 30 set. 2022.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5**: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. Porto Alegre: Artmed, 2014.

APORTA, A. P.; LACERDA, C. B. F. Estudo de Caso sobre Atividades Desenvolvidas para um Aluno com Autismo no Ensino Fundamental I. *Rev. bras. educ. espec.*, Bauru, v. 24, n. 1, p. 45-58, Mar. 2018. Disponível: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382418000100005>. Acesso em: 02 mar. 2022.

BORBA, Marilu M. C.; BARROS, Romariz S. **Ele é autista: como posso ajudar na intervenção? Um guia para profissionais e pais com crianças sob intervenção analítico-comportamental ao autismo**. Brasília: Cartilha da Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental (ABPMC). 2018. Disponível em: <https://abpmc.org.br/wp-content/uploads/2021/08/1521132529400bef4bf.pdf>.

BUEMO, B.; ALLI, F.; IRACET, J. V.; RIBAS, L.; PEREIRA, R.; KRUEL, C. S.; GUAZINA, F. M. N.; CARLESSO, J. P. P. Autism in the School Context: The Importance of Social Insertion. *Research, Society and Development*, [S. l.], v. 8, n. 3, p. e2783822, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v8i3.822>.

CAMARGO, Sígla Pimentel Höher et al. Desafios no processo de escolarização de crianças com autismo no contexto inclusivo: diretrizes para formação continuada na perspectiva dos professores. *Educação em revista*, v. 36, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-4698214220>. Acesso em: 23 mar. 2022.

CORRÊA, Pedro Henrique. O autismo visto como complexa e heterogênea condição. *Physis: Revista de Saúde Coletiva [online]*, v. 27, n. 2, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-7331201700020001> Acesso em: 27 fev. 2022.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM AUTISMO NA ESCOLA: UMA REVISÃO NARRATIVA

Marcus Vinicius de Alencar Bezerra, Mirella Costa Gomes da Silva,
Nathalia Castelo Branco Vieira Miranda de Carvalho, Jolison Ramos-Jesus, Juarez Lobo Bessa

DIAS, Renan Italo Rodrigues. A inclusão do aluno com transtorno do espectro autista na escola comum: desafios e possibilidades. **EaD & Tecnologias Digitais na Educação**, v. 7, n. 9, p. 123-130, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.30612/eadtde.v7i9.10745>. Acesso em: 22 fev. 2022.

FERREIRA, R. F. A. **Inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista, na Educação infantil: o desafio da formação de professoras**. 2017. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Docência) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

KLIN, Ami. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 28, n. 11, p. 1-11, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-44462006000500002>.

LIMA, Stéfanie Melo. LAPLANE, Adriana Lia Frizman de. Escolarização de Alunos com Autismo. **Revista Brasileira de Educação Especial [online]**, v. 22, n. 2, p. 269-284, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382216000200009>

OLIVEIRA, K.; SERTIÉ, Andréa Laurato. Transtornos do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético. **Einstein**, São Paulo, v. 15, n. 2, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1679-45082017RB4020>.

PINTO, Rayssa Naftaly Muniz et al. Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **Revista gaúcha de enfermagem**, v. 37, n. 3, 2016 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2016.03.61572>. Acesso em: 18 mar. /2022.

RODRIGUES, V. dos S. *et al.* Influência dos níveis da serotonina no transtorno do espectro autista. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v. 9, n. 10, p. 5-16, 2019. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/saude/niveis-da-serotonina>.

SILVA, J. A. F.; BRITO, W. V. **A tessitura do debate sobre a inclusão nos casos do transtorno do espectro autista: TEA**. 2019. 52f. Monografia (Licenciatura Plena em Pedagogia) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.

SILVA, J. P. F. *et al.* Entrelaçamento entre possibilidades, avanços e contribuições da psicanálise para o autismo. **Revista Expressão Católica**. v. 8. n. 1. p.17 - 28. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.17564/2316-3801.2020v8n3p189-206>. Acesso em: 18 mar. 2022.

SOARES, Francisca Maria Gomes Cabral; DE SOUSA, Jordana Lorena Nogueira; DE AZEVEDO, Priscila Figueiredo Brito. Efeitos de um programa colaborativo nas práticas pedagógicas de professoras de alunos com autismo. **Educação Especial e Inclusiva**, p. 51, 2016. Disponível em: <http://www.btd.uerj.br/handle/1/10435>.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Transtorno do Espectro do Autismo**. [S. l.]: SBP, 2019. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/Ped. Desenvolvimento - 21775b-MO - Transtorno do Espectro do Autismo.pdf.